

# O Jornal Cidade da Viçosa e sua visão política: manifestações literárias n' *O Defunto*, de Eça de Queiroz

## The newspaper “Cidade da Viçosa” and its political vision: literary manifestations in the short story “Dead man” by Eça de Queiroz.

Natália Fraga de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo estudar o conto *O Defunto*, de Eça de Queiroz, publicado em folhetins, no semanário *Cidade da Viçosa*, no ano de 1905, e verificar a organização política através dessa manifestação literária. O referido conto foi publicado na estreia de Arthur Bernardes na chefia do semanário viçosense e traz em discussão novo “espaço público” que surgiu no início da Primeira República brasileira por meio dos periódicos. Além disso, tornaram-se visíveis algumas ligações do escritor José Maria Eça de Queiroz e uma parcela da sua trajetória na imprensa local, o que contribuiu para que este trabalho se fizesse interessante para a perspectiva dos estudos da historiografia e também das linguagens políticas do Brasil.

**Palavras-chave:** Imprensa. Política. Eça de Queiroz.

**Abstract:** This article aimed to study the short story “Dead man”, by Eça de Queiroz, published in serials, in the weekly newspaper “Cidade da Viçosa”, in 1905, and verify the political organization through this literary manifestation. That short story was published in the Arthur Bernardes’ debut at the head of that weekly newspaper and brings into discussion the new “public space” that emerged at the beginning of the First Brazilian Republic through periodicals. Moreover, some links from the writer José Maria Eça de Queiroz and a portion of this trajectory in the local press became visible, what contributed for this work to become interesting for the perspective of studies of historiography and also of the political languages of Brazil.

**Keywords:** Press. Policy. Eça de Queiroz.

Um dos meios de divulgação contemporânea das produções literárias é a imprensa. Com a inclusão de leitores, no início do século XX, ela contribuiu de maneira significativa para a formação de novos espaços públicos. Esse momento foi de grande valia para os jornais europeus, pois estes aproveitaram para realizar a publicação de textos literários que alcançavam leitores não frequentadores de bibliotecas ou de clubes literários.

No Brasil, os jornais do início do século XX também foram utilizados para a publicação de textos literários, tendo os folhetins como referência, a exemplo dos contos, publicados ao longo das edições. Neste trabalho, estudaremos as publicações dos folhetins<sup>2</sup> do conto *O Defunto*, do autor português José Maria Eça de Queiroz, no jornal *Cidade da Viçosa*.

---

<sup>1</sup>Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>2</sup>Segundo Castro (2012), os folhetins são manifestações literárias que se popularizaram rapidamente entre os leitores do final do XIX, apresentam linguagem simples e estrutura textual curta, o que facilita a leitura.

A importância da análise dos folhetins queirozianos, publicados no *Cidade da Viçosa*, começou a ser entendida no decorrer de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida entre os anos de 2017 a 2019, voltada para a inserção política de Arthur da Silva Bernardes em Viçosa. Em 1905, Bernardes assumiu a chefia do jornal e, então, na primeira edição chefiada por ele, o conto de Eça de Queiroz foi publicado.

O objetivo é compreender as manobras políticas da redação do *Cidade da Viçosa* para a construção dos ideários republicanos. Para isso, será fundamental entender parte da produção intelectual do autor Eça de Queiroz e as suas críticas acerca da monarquia. Além disso, estudaremos, de maneira detalhada, bibliografias que discutem a imprensa, a literatura, a República do Brasil, a obra de Eça de Queiroz e tudo que se fizer necessário para o melhor desempenho da pesquisa.

Feito isso, partiremos para a composição efetiva do trabalho proposto, que consiste, inicialmente, na apresentação das diretrizes do jornal e da sua relação com os textos literários; na sequência, buscaremos refletir acerca da formação dos espaços públicos por meio dos periódicos, aqui destacamos a fidelização dos leitores através da literatura; depois, faremos uma análise mais centrada no conto *O Defunto* de Eça de Queiroz, verificando e explicitando o seu viés político republicano e, por fim, faremos algumas considerações obtidas a partir das constatações e reflexões do trabalho em questão.

### **A divulgação de textos literários no jornal *Cidade da Viçosa***

Segundo Darnton (1994), com o declínio das publicações religiosas, durante o século XVIII, o mundo da leitura europeia passou por transformações significativas. Surgiu, assim, um maior interesse dos leitores por livros de história, de biografias, de livros de ficção ou novelas. O surgimento da novela provocou uma grande transformação no mundo da leitura em menos de dois séculos.

No caso específico de Portugal, Sousa (2008) argumenta que os jornais noticiosos, fundados no final do século XIX, além abrir em espaço à informação, não abandonaram as suas pautas políticas. Buscavam as grafias modernas da imprensa estrangeira, como a promoção de concursos, o lançamento de edições ilustradas e de folhetins especiais ilustrados publicados aos domingos. Ainda nas palavras de Sousa, a alta cultura política portuguesa buscava persuadir ou entre ter eruditamente o seu público leitor através das crônicas e dos folhetins, sendo este último o nosso maior interesse.

Como podermos perceber, a partir do século XVIII, ocorreram muitas transformações no universo da leitura europeia e elas influenciaram diretamente a imprensa. Destacaremos aqui os folhetins, os quais, segundo Castro (2012), tiveram a França como expoente da nova vertente literária. Os portugueses, ao adotarem a prática da publicação de folhetins nos jornais, teriam se apropriado da nova literatura francesa.

Entretanto, Castro (2012) também destaca que, em Portugal, os folhetins receberam uma nova construção que não pode ser relativizada como inferior, mas que pode ser vista de uma forma diferente, pois

as manifestações culturais literárias se encontravam em espaços geográficos distintos e dotados de diferenciações sociais linguísticas. Eles eram de baixo custo e isso fazia com que as pessoas de recursos aquisitivos vulneráveis e moradoras de lugares longínquos de bibliotecas e de clubes de leituras pudessem ter mais acesso aos textos.

O jornal *Cidade da Viçosa* surgiu no final do século XIX. O semanário foi criado no município de Viçosa, na região da Zona da Mata Mineira, durante o período da implantação da Primeira República. Neste momento, o Brasil passava por uma reformulação da ordem pública constitucional. Ao consultarmos os jornais republicanos, percebemos que os seus precursores almejavam difundir os ideais de uma República moderna. Para isso, utilizavam a imprensa com uma linguagem bastante direta, que, por vezes, se tornava pejorativa ao fazer menção ao sistema político monárquico, criando um contraponto com a linguagem rebuscada referente ao sistema político republicano.

Ao procurarmos observar minuciosamente as linguagens das notícias publicadas no referido jornal encontramos um posicionamento de afastamento político das diretrizes do *Cidade da Viçosa* com relação ao ideário da monarquia. No *layout* do semanário viçosense era possível ler de forma muito destacada nítida “Órgão do Partido Constitucional” e, mais tarde, “Órgão do Partido Republicano”. Ambos os *layouts* eram voltados para o ideário republicano e propagavam diversas notícias de exaltação da República que se consolidava. Além disso, seus redatores e colaboradores pertenciam ao grupo de militares, bacharéis em direito, políticos magistrados e republicanos assumidos.

Isso nos permite inferir que o jornal *Cidade da Viçosa* era produzido por elites locais, que por sua vez possuíam interesses particulares. Entretanto, surgem outras questões a responder: Quais grupos de leitores o semanário buscava atingir? Quais tipos de textos eram publicados? Havia espaço para quais tipos de textos literários no jornal? A literatura poderia estar relacionada com a política local? Tais questões são as que almejamos desenvolver ao longo do texto. É muito importante evidenciar que o jornal *Cidade da Viçosa* foi idealizado pela família Vaz de Melo, pois era de propriedade de Mário Vaz de Melo, filho do senador da República, Carlos Vaz de Melo, que outrora foi filiado do Partido Liberal no Império e senador. Verificamos também que, em 1903, o jovem Arthur da Silva Bernardes casou-se com Clélia Vaz de Melo, também filha do senador. Em 1904, o senador Carlos Vaz de Mello falece e seu genro, Arthur da Silva Bernardes, vereador do município de Viçosa, pelo então Distrito de Teixeiras, herda a chefia do jornal *Cidade da Viçosa*, no qual continuou a propagar os ideais republicanos.

Além dos ideais republicanos, as manifestações literárias também ocorreram com frequência na imprensa viçosense no final do século XIX. Os seus gêneros transpassavam pela poesia, prosa, cartas, artigos e crônicas. As suas temáticas alternavam entre a ficção histórica, como a fundação de cidades europeias, as paráfrases de textos da Bíblia, voltadas para o imaginário de ordem política e com a religião Católica.

Outros assuntos, como a essência da vida humana, incentivos para as mulheres constituírem matrimônio, referências aos diálogos socráticos, acerca da implantação da República e do Federalismo eram constantemente publicados no jornal. Foi perceptível a intenção da publicação desses diálogos socráticos na crítica e na reflexão a respeito do governo de Floriano Peixoto. Após as leituras dos textos literários podemos perceber a existência de uma dualidade no semanário: em determinados momentos conservador, em outros, crítico.

Consideramos muito relevante a análise dos folhetins que foram publicados em 1905 no *Cidade da Viçosa*, porque são objetos de pesquisa dos historiadores da leitura e também de grande valia para os estudos sobre o desenvolvimento da imprensa. Com isso, surge a oportunidade de levantar importantes questões quando analisamos os folhetins, sendo uma delas, a hipótese de que se formou, após do surgimento dos pequenos textos em forma de romance, um novo público leitor, antes restrito às elites, aos clubes de leituras e às bibliotecas. Um dos motivos da limitação de leitores poderia ser o fato de a longa extensão dos romances e suas publicações serem reservadas aos livros, logo possuíam um custo mais elevado.

Por meio das leituras realizadas do jornal *Cidade da Viçosa*, fica perceptível que o semanário na gestão de Arthur Bernardes procurou continuar a dar destaque no seu espaço literário ao voltar a sua atenção para os folhetins europeus, diminuindo a frequência de outros textos, como: poesias, crônicas, cartas de autores locais e assinantes; o que indica uma tática de fidelização dos leitores, pois o conto *O Defunto* foi publicado em nove edições. Aos poucos, o *Cidade da Viçosa* adotou uma postura política de modernização do jornal através da publicação de textos literários de leitores e assinantes do jornal, o que sugere uma tentativa da redação de uma maior aproximação dos leitores com o semanário.

Assim, é possível dizer, com base em uma detalhada pesquisa, que a direção do jornal possuía interesse pela divulgação das produções, razão pela qual a edição de número 598 contempla a intenção de alguns “cavalheiros da sociedade viçosense” de fundarem uma biblioteca pública em Viçosa, com o total apoio da redação do semanário viçosense para a realização do projeto.

### **Os jornais como mecanismo de abertura de novos “espaços públicos”**

Podemos perceber que, desde a sua fundação, o jornal *Cidade da Viçosa* abriu espaço para a publicação de diversos textos literários. Esta abertura pode ser vista como uma manobra política da redação do jornal para a cooptação de novos leitores e a permanência dos demais, já que, este novo público leitor, ao buscar por entretenimento, principalmente nos folhetins publicados semanalmente, poderia se interessar pelas notícias políticas defendidas pelos dirigentes da folha.

Nesta lógica, os jornais contribuíram imensamente para a transformação dos “espaços públicos” urbanos na Europa. Na América Latina não foi diferente, tampouco nos pequenos municípios do Brasil;

exemplo disso é o jornal *Cidade da Viçosa*, que publicou os folhetins do autor português, José Maria Eça de Queiroz. Devido ao surgimento desse novo “espaço público” urbano europeu, impulsionado, segundo Habermas (1962), pela ascensão da burguesia, a camada recém-reformulada da sociedade, composta por pessoas que já mostravam um grau maior de individualismo, favoreceu o surgimento das “pessoas privadas”.

Habermas (1962) chama a atenção dos seus leitores para os múltiplos significados de “público” e “esfera pública”. E as noções de público e privado tornaram-se mais fortes com o surgimento de um Estado moderno, através do qual aparece uma burguesia mais organizada e fortalecida. Deve-se considerar que o sociólogo trabalha com categorias voltadas para o universo europeu e com demarcações históricas datadas.

De fato, foi possível relacionar a publicação do conto *O Defunto*, de Eça de Queiroz, com o jornal *Cidade da Viçosa*, devido ao encantamento amoroso de D. Rui de Cárdenas por D. Leonor, contrários a alguns os valores públicos compartilhados pela aristocracia cristã, como uma possibilidade de adultério. Sendo assim, a publicação de um conto que toca a falta de controle dos desejos humanos, pode ser visto como um valor moral religioso que não estava sendo bem dominado pela igreja, que era extremamente conservadora e dominadora dos seus fiéis durante a monarquia, ao ponto de ser explorado pela literatura.

O jornal *Cidade da Viçosa* ao publicar um conto escrito na transição da monarquia para a República trazia alguns apontamentos sociais, como: o amor proibido de D. Rui de Cárdenas por D. Leonor, a mulher como objeto de posse de um marido ciumento, um defunto que sofreu uma pena de morte por enforcamento e que ainda continua sem nome, ou seja, sem visibilidade social, dentre outros, que serão vistos mais detalhadamente no decorrer da análise.

Frente a tais questões que influenciavam a vida privada, mas que de certa forma extrapolava para o público, o jornal poderia estar trabalhando o imaginário dos leitores conservadores voltado para o republicanismo, isto é, reafirmação que a monarquia não dava mais o suporte necessário para a sociedade familiar. Aqui pode ser entendido que até mesmo a religião não estava desempenhando bem o seu papel na sociedade sob a proteção da monarquia.

Partindo das reflexões propostas por Piccato (2014), foi possível pensar uma maior organização da imprensa, que se aproximou de uma burguesia com características mercantis e com alguns atributos públicos. Desta forma, possivelmente, essa burguesia estava interessada na abertura de espaços lucrativos ou comerciais nos jornais. Os espaços seriam aqueles em que os intelectuais poderiam propagar suas ideias por meio da publicação dos seus textos, seus folhetins e suas opiniões.

Ainda de acordo com o autor mencionado acima, o processo da modernização republicana, a partir da formação do estado, e o surgimento de novas sociedades civis produziram um ambiente bem eclético para discutir a “esfera pública” na América Latina. Até este momento, foi possível pensar o espaço cedido

no jornal *Cidade da Viçosa* para a publicação dos diversos textos literários e a sua relação com o processo de modernização da linguagem para a exaltação da República nascente.

Desde os primórdios, como destacado por Piccato (2014), o uso da categoria “esfera pública” refere-se mais a uma estrutura política inacabada do que a uma estrutura estável. Logo, dois processos, em andamentos diferentes, fundiram e contribuíram para o surgimento de uma “esfera pública burguesa”. Em relação aos dois processos, em um primeiro momento são necessários: o desenvolvimento gradativo dos mercados capitalistas, a alfabetização da população, o fortalecimento da imprensa e uma significativa modernização dos estados. Já o segundo momento, seria voltado para o desenvolvimento de uma vida social em espaços como salões, cafés e outros.

Transpondo as considerações do autor supracitado para a realidade do *Cidade da Viçosa*, é possível pensar que jornal buscava a atenção de leitores que possuíam fortes ligações com a agricultura e com a religiosidade católica. Não desconsideraremos o alcance oral das notícias publicadas no semanário viçosense devido à existência de uma grande população de trabalhadores rurais.

Nesta lógica, o semanário pode ser considerado um “espaço público” não muito diferente dos espaços conquistados pela burguesia. Por esse motivo, devemos refletir o porquê de o semanário publicar folhetins do autor Eça de Queiroz em um veículo produzido por grupos sociais locais conservadores. Para isso, será fundamental considerar a participação da imprensa na construção da “esfera pública” na América Latina através das relações culturais com a literatura.

De acordo com Beigel (2003), as publicações tiveram uma marca no campo cultural, posto que difundiram as ideias de grupos dissonantes provenientes de experiências políticas e culturais variadas. Ao mesmo tempo, as edições puderam gerar conflitos por divergências políticas, na tentativa de constituição de um projeto cultural coletivo, devido aos conflitos existentes em textos no processo de modernização cultural. Em seus estudos, a autora apontou algumas reflexões culturais de Júlio Ramos no que se refere à afunilada relação entre o poder, os códigos e leis e as letras. Consequentemente, demonstrou a conexão entre vida pública e literatura que se entrecruzaram à medida que os Estados Nacionais se modernizaram e se tornaram mais complexos, surgindo assim, uma esfera discursiva notadamente política.

Tendo em vista a discussão levantada por Beigel (2003), é possível perceber os conflitos e disputas de poder entre os grupos sociais existentes em Viçosa que extrapolavam para os escritos literários, pois Eça de Queiroz era crítico ferrenho da Coroa portuguesa. Segundo Tinks (2012), o primeiro texto de Eça de Queiroz para *As Farpas*<sup>3</sup> foi uma profunda censura a todo o comportamento social português, sobre excedendo para a Coroa, para a religião e para a burocratização do Estado.

---

<sup>3</sup> Revista profundamente crítica e satírica da sociedade portuguesa. Foi fundada por Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. As suas edições eram mensais e circularam entre 1871 a 1882.

Ramos (2009) propõe o estudo entre o periodismo e a literatura nas últimas décadas do século XIX, momento de fundação do jornal *Cidade da Viçosa*. Para o autor, na América Latina, o desenvolvimento literário nos periódicos seguiu de forma heterogênea, limitada e dependente de “vontades autônomas”, o que provocou a sujeição da literatura com outras instituições diferentes do Estado.

Além disso, o autor anteriormente explicitado fez uma crítica de que os periódicos poderiam ser um intermediário educacional nas comunidades não letradas. Por este ponto de vista, o jornal *Cidade da Viçosa* se enquadra como “sujeito autônomo” propagador dos ideais do Partido Republicano e, passou a publicar textos literários e folhetins muito possivelmente, na tentativa de relacionar literatura e política.

No processo de transformação entre o “público” e o “privado”, os periódicos, conforme pontua Ramos (2009), possuem importante função, pois desenvolveram a capacidade de “racionalização” do ambiente, uma vez que diferenciaram as funções do político e do estatal. Se anteriormente, o periódico estava estagnado na realização dos feitos estatais, agora, assume uma função política. Em seus argumentos, o autor afirma que ocorreu, no final do XIX, uma expansão dos espaços publicitários e também o aparecimento de folhetins.

Neste processo é necessário entender a introdução dos romances folhetins no Brasil. Meyer (1996) argumenta que estes gêneros literários chegaram às terras brasileiras no ano de 1843, através do jornal *O Comércio*, sendo escritos em volume único e em língua francesa *Les mystères de Paris*. Essas expressões literárias rapidamente foram ganhando espaço na imprensa brasileira.

A chegada dessa nova modalidade literária ocorreu devido ao processo de modernização do jornal *O Comércio*, que procurou inovar-se desde a sua paginação ao convite de novos e hábeis redatores. Consequentemente, esses folhetins franceses entraram rapidamente no Brasil entre os anos de 1840 a 1850; neste momento existia um público leitor que era apreciador das antigas novelas, tornando-se um bom atrativo para o aumento das vendas dos periódicos.

E, assim, sob a nova gestão do *Cidade da Viçosa*, os folhetins de Eça de Queiroz foram publicados no sentido de modernização política do semanário, visto que os grandes jornais brasileiros já haviam adotado tal vanguarda literária. Além disso, poderia ser uma nova possibilidade de aumento de receitas através da fidelização de novos leitores. Tal reformulação justificaria o posicionamento do jornal que, desde a sua primeira edição, aparece como um propagador de ideias políticas republicanas. Será pertinente aproximar as manobras políticas dos grupos sociais dirigentes do semanário no que se refere à reformulação e conquista de espaço e novos leitores

## O Defunto e suas implicações no jornal Cidade da Viçosa

Antes de iniciarmos o estudo do conto, é preciso falar, mesmo que brevemente, do seu escritor, José Maria Eça de Queiroz, conhecido como Eça de Queiroz. Ele nasceu em Póvoa de Varzim, Portugal, no ano de 1845, e faleceu no ano de 1900. Cursou Direito em Coimbra, Portugal, e somente no final do curso enveredou pelos caminhos da literatura. O autor foi um dos primeiros da sua época a ganhar fama internacional e, segundo Saraiva (1979), causou, através de seus escritos, grande espanto aos leitores, por escrever textos de fortes críticas ao clero, à pátria, à família e às mais diversas dimensões sociais.

Eça de Queiroz iniciou sua carreira literária publicando *Notas Marginais*, em 1867, na *Gazeta de Portugal*. Neste mesmo ano, ele dirigiu um jornal de oposição, o *Distrito de Évora*, na cidade de Évora. Esse foi apenas o início de uma vasta carreira literária e, posteriormente, diplomática do escritor. Porém, por questões de foco, agora que já o apresentamos, sucintamente, vamos nos debruçar no estudo do seu conto: *O Defunto*.

O texto trata-se de uma narrativa fantástica e conta a chegada do mocinho D. Rui de Cárdenas a Segóvia, que havia herdado uma casa e uma horta do seu tio ao lado da igreja de Nossa Senhora do Pilar. O jovem mocinho tinha por madrinha Nossa Senhora do Pilar e ainda possuía por hábito ir à igreja rezar, principalmente nas manhãs de domingo.

Em Segóvia, vivia também D. Alonso de Lara, fidalgo de grande riqueza e hábitos sombrios, que tinha por esposa a jovem D. Leonor, possuidora de grande beleza e candura. D. Alonso de Lara mantinha uma relação de cuidados e dominação sobre a jovem D. Leonor e a deixava ir à igreja apenas sob os olhos de dois servos e uma aia. Um belo dia, ao chegar à igreja do Pilar para a realização das suas rezas, D. Rui de Cárdenas encantou-se pela beleza de D. Leonor e apaixonou-se por ela loucamente. Entretanto, ao não ser correspondido por D. Leonor, D. Rui de Cárdenas pôr-se a sofrer. E, não demorou que a aia percebesse o encanto do jovem rapaz pela sua senhora e fosse, imediatamente, contar ao seu senhor, D. Alonso de Lara.

Ao saber de todo o encantamento de D. Rui de Cárdenas por D. Leonor, D. Alonso fica alucinado de fúria e passa a odiar D. Rui de Cárdenas. E, assim, D. Alonso passou a vigiar obcecadamente D. Rui de Cárdenas e, às vezes, passou a desconfiar de qualquer distanciamento, frieza ou indiferença da esposa.

Na tentativa de se livrar de D. Rui de Cárdenas, D. Alonso conspirou uma vingança contra o jovem rapaz. Tal vingança consistia em falsificar uma carta de amor para que D. Rui de Cárdenas fosse ao encontro de D. Leonor para então poder matá-lo.

E, assim, o plano de vingança D. Alonso se desenvolvia, pois, ao receber a suposta carta de amor, D. Rui de Cárdenas vai a Cabril, residência do marido ciumento. A caminho de Cabril, em um ambiente muito assombroso, sombrio e propício ao aparecimento de fantasmas, D. Rui de Cárdenas é chamado por um



defunto ao atravessar o Cerro dos Enforcados; em nenhum momento da narrativa é mencionado o nome do defunto.

A razão do corpo sem vida despertar do sono da morte foi através da intersecção da madrinha de D. Rui de Cárdenas, Nossa Senhora do Pilar. A santa incumbiu o defunto a acompanhar D. Rui de Cárdenas em sua jornada perigosa ao encontro de D. Leonor. O jovem mocinho não conseguia compreender naquele momento a função do defunto no seu trajeto, se era obra de Deus ou do diabo. Mesmo assim, prosseguiu o seu caminho acompanhado pelo defunto em uma atmosfera fúnebre.

Ao chegar ao local combinado na carta, o defunto se faz passar por D. Rui Cárdenas para ir ao encontro de D. Leonor. O defunto ao subir a escada para pular a janela do quarto de D. Leonor foi golpeado com uma adaga por um vulto. Rapidamente, o defunto percebeu se tratar de uma cilada e, então, ele, ferido, e D. Rui de Cárdenas se puseram a fugir. No trajeto, o defunto pede para ser deixado novamente no Cerro dos enforcados e suplica a D. Rui de Cárdenas apenas que contasse a nossa Senhora Do Pilar todo o fato ocorrido, para que este pudesse receber uma grande mercê da santinha. Então, D. Rui de Cárdenas compreendeu se tratar de um milagre realizado por sua madrinha, Nossa Senhora do Pilar, para proteger a sua vida do ataque de ciúmes do marido de D. Leonor.

Ao amanhecer, D. Alonso fica estarecido ao não encontrar o corpo de D. Rui de Cárdenas no jardim de sua residência. E, assim, resolve voltar a Segóvia para saber notícias de D. Rui de Cárdenas, que ele acreditava estar morto. E, para o seu desapontamento, descobre que ele estava vivo e que na verdade ele tinha assassinado um defunto. Em seguida, D. Alonso volta a Capril e lá morre, possivelmente por ter tresloucado, por não saber a razão de D. Rui de Cárdenas ainda estar vivo, se o havia matado na noite anterior e, além disso, ficou muito equivocado por sua adaga aparecer encravada em um defunto enforcado. A sociedade local fica apavorada devido à violação do cadáver enforcado. Após tudo isso, D. Leonor volta a Segóvia onde casa com D. Rui de Cárdenas em uma linda cerimônia presidida pelo bispo da igreja.

Após o resumo do conto é possível perceber alguns traços peculiares na narrativa de Eça de Queiroz. Variani (2013) defende que o referido texto é uma tentativa de Eça de Queiroz na produção de contos fantásticos ou maravilhosos, devido aos recursos narrativos extranaturais e sombrios e ao afastamento temporal utilizado pelo autor, como apresentamos a seguir.

No ano de 1474, que foi por toda a Cristandade tão abundante em mercês divinas, reinando em Castela el-rei Henrique IV, veio habitar na cidade de Segóvia, onde herdara moradias e uma horta, um cavaleiro moço, de muito limpa linhagem e gentil parecer, que se chamava D. Rui de Cardenas(*O Defunto*. *Jornal Cidade da Viçosa*. Domingo, 29 de janeiro de 1905. Edição 578. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

No trecho acima, fica claro que o autor faz a demarcação temporal na Idade Média, período marcado na política pela ação dos reis, por uma profunda religiosidade católica e por um imaginário que permite uma escrita mais livre para o aparecimento de monstros, demônios e outros seres sobrenaturais.

Para Silva (2012), a religião existente no conto queroziano não pode ser analisada sob o ponto de vista da razão. Acreditamos que por este motivo a redação do jornal republicano, apesar de conservadora, publicou *O Defunto*, devido à percepção do afastamento temporal da história, ou seja, a crítica estava voltada para o período da monarquia.

No final do século XIX, os europeus estavam inseridos em uma sociedade burguesa e liberal, o que permitiu a circulação de ideias sociopolíticas e econômicas que buscavam por uma real e concreta democratização, que representasse verdadeiras oportunidades para aquele povo.

Tal momento foi propício a uma produção artística e literária que denunciasses as mazelas vividas pela sociedade em geral. Segundo Santos (2003), no caso específico de Portugal, a realidade não era muito próxima à dos países mais desenvolvidos da Europa, pois apresentava uma quase ausência de indústrias e um grande índice de analfabetismo.

Eça de Queiroz era um escritor marcadamente político, como já sabemos, o que pode ter contribuído para a escolha da publicação do seu folhetim no *Cidade da Viçosa*, também bastante marcado em questões políticas, mesmo que fortemente conservador.

Em vista disso, podemos dizer que uma das possíveis intenções do jornal em publicar folhetins queirozianos poderia ser a busca por uma República crítica e moderna ao realizar alguns ataques ao comportamento dos fiéis católicos na época da monarquia, como D. Rui de Cárdenas, que se apaixonou dentro da igreja, diante do altar, por uma mulher casada, como sugere o trecho abaixo.

Mas essa curta visita a Nossa Senhora do Pilar bastou para que D. Rui se enamorasse dela tresloucadamente, na manhã de Maio em que a viu de joelhos ante o altar, numa réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro, com as compridas pestanas pendidas sobre o livro de Horas, o rosário caindo de entre os dedos finos, fina toda ela e macia, e branca, de uma brancura de lírio aberto na sombra, mais branca entre as rendas negras e os negros cetins que à volta do seu corpo cheio de graças se quebravam, em pregas duras, sobre as lajes da capela, velhas lajes de sepulturas (*O Defunto*. Jornal *Cidade da Viçosa*. Domingo, 29 de janeiro de 1905. Edição 578. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

Apesar de o conto ter sido produzido sob a perspectiva de uma narrativa fantástica, ainda ocorre a presença de uma crítica no comportamento dos fiéis em relação ao desejo que ataca o matrimônio sagrado. Por isso, não podemos perder de vista a “Questão Religiosa”, pois, segundo Cavalcanti (2009), na transição do Império para a República, ocorreu um desarranjo no campo da religião da crença e na política partidária, momento no qual o racionalismo atacou duramente o dogma. Em meio a crises e rearticulações, a direção do

*Cidade da Viçosa* buscou construir a imagem de um semanário da “família”, que denunciava as mazelas sociais ligadas à monarquia e compromissado com a “verdade”. Dessa forma, e pelas razões pontuadas, poderia ser uma boa estratégia publicar os folhetins de Eça de Queiroz que se passa sob o governo monarca.

É notável, ao longo do texto, e no trecho a seguir, que o autor procurou transmitir a imagem de D. Alonso sempre com adjetivos negativos, relacionados à amargura, como expomos a seguir.

Era o escuro e gradeado palácio de D. Alonso de Lara, fidalgo de grande riqueza e maneiras sombrias, que já na madureza da sua idade, todo grisalho, desposara uma menina falada em Castela pela sua alvura, cabelos cor de sol claro e colo de garça real (*O Defunto*. Jornal *Cidade da Viçosa*. Domingo, 29 de janeiro de 1905. Edições 578. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

Na contramão descritiva da narrativa está D. Rui de Cárdenas, o mocinho do conto, devoto de Nossa Senhora do Pilar e futuro pretendente de D. Leonor. Tal devoção aparenta ser uma justificativa para o encanto de D. Rui de Cárdenas por D. Leonor e, para a tristeza do mocinho também, como explicitado a seguir.

D. Rui pensou: – Ela não quer, eu não posso: foi um sonho que findou, e Nossa Senhora a ambos nos tenha na sua graça! E como era cavaleiro muito discreto, desde que a reconheceu assim inabalável na sua indiferença, não procurou, nem sequer ergueu mais os olhos para as grades das suas janelas, e até nem penetrava na igreja de Nossa Senhora quando casualmente, do portal, a avistava ajoelhada, com a sua cabeça tão cheia de graça e de ouro, pendida sobre o Livro de Horas. (*O Defunto*. Jornal *Cidade da Viçosa*. Domingo, 05 de fevereiro de 1905. Edições 579. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

Em meio aos encontros e encantamentos de D. Rui de Cárdenas por D. Leonor na igreja do Pilar, Eça de Queiroz enfatiza o campo do religioso “[...] Sempre ela o amara, pois, desde a manhã bendita em que os seus olhos se tinham cruzado no portal de Nossa Senhora [...]” de forma a questionar os padrões familiares impostos pela sociedade, nos quais a mulher não poderia escolher seu marido.

Quanto aos amantes fidalgos, não convinha escolher suas amadas apenas pelo quesito amor ou paixão, mas também por “questões sociais mais atraentes”, como dinheiro e/ou posses. E, quando o amor aparecia, geralmente era proibido, o que originava os casos de adultério, como sugere o trecho da carta recebida por D. Rui de Cárdenas.

Meu cavaleiro: Muito mal haveis compreendido, ou muito mal pagais o amor que vos tenho, e que não vos pude nunca, em Segóvia, mostrar claramente... Agora aqui estou em Cabril, ardendo por vos ver; e se o vosso desejo corresponde ao meu, bem facilmente o podeis realizar, pois que meu marido se acha ausente noutra herdade, e esta de Cabril é toda fácil e aberta. Vinde esta noite, entrai pela porta do jardim, do lado da azinhaga, passando o tanque, até o terraço. Aí avistareis uma escada encostada a uma janela da casa, que é a janela do meu

quarto, onde sereis bem docemente agasalhado pôr quem ansiosamente vos espera...." (*O Defunto*. *Jornal Cidade da Viçosa*. Domingo, 05 de fevereiro de 1905. Edições 579. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

Assim, através da leitura da carta, anteriormente transcrita, é possível perceber que D. Alonso pensou em todos os detalhes da sua vingança. Primeiro, justifica a indiferença da esposa aos galanteios de D. Rui de Cárdenas e, em seguida, fala da ausência do marido em Cabril, da segurança oferecida pelo local e explica como chegar ao seu quarto. Por fim, finaliza com palavras de carinhos, como forma de persuadir D. Rui de Cárdenas ao seu encontro, que na verdade era um chamado para a morte.

Silva (2012) ressalta que um ponto importante da obra seria a escolha de um enforcado como canal de milagre entre a Virgem do Pilar e D. Rui Cárdenas. Mais uma vez o autor português questiona os padrões sociais do período, quando faz a escolha do personagem herói do conto ser um “defunto”, condenado à morte por enforcamento. Assim, o personagem defunto ganha vida e foco na história como o herói ou anjo protetor do mocinho D. Rui de Cárdenas, porém o defunto continua desprovido de virtudes morais e não possui um nome, apenas usa vestimentas de cavaleiro nobre. O “defunto” pode ser visto como um representante de todos aqueles miseráveis que sofreram duras penas de morte. Servir a um nobre fidalgo e livrá-lo da morte poderia melhorar a sua condição espiritual. Em sua narrativa fantástica extranatural, Eça de Queiroz rompeu com várias convenções sociais, dentre elas as condições da servidão, o matrimônio e o papel da igreja, uma vez que a Santa operou um milagre ao seu afilhado que se apaixonara por uma mulher casada.

E, assim, após a publicação de nove edições com o conto *O Defunto* no jornal *Cidade da Viçosa*, voltamos a nossa atenção para a descrição do espanto da população local ao ver o enforcado com uma adaga encravada no peito:

Na véspera, de tarde, indo o corregedor visitar o cerro das forças, pois se acercava a festa dos Santos Apóstolos, descobrira, com muito pasmo e muito escândalo, que um dos enforcados tinha uma adaga cravada no peito! Fora gracejo de um pícaro sinistro? Vingança que nem a morte saciara? [...]. E para maior prodígio ainda, o corpo fora despendurado da forca, arrastado em horta ou jardim (pois que presas aos velhos farrapos se encontraram folhas tenras) e depois novamente enforcado e com corda nova! [...] E assim ia a turbulência dos tempos, que nem os mortos se furtavam a ultrajes! (*O Defunto*. *Jornal Cidade da Viçosa*. Domingo, 30 de abril de 1905. Edição 589. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

Nota-se, a través do trecho retirado do conto, que o autor, em sua narrativa fantástica extranatural, traz vestígios de violência sofrida pelo cadáver durante a operação do milagre por Nossa Senhora do Pilar. Aqui pode ser pensando pelo fato do defunto ser alguém que não possuía *status* social. Entretanto, é claramente perceptível no trecho, a indignação da população ao ato de violação do corpo, o que retoma aos

valores éticos cristãos compartilhados pela sociedade portuguesa. E, assim, a narrativa fantástica extranatural evocava algumas críticas a uma falsa moralidade cristã.

O matrimônio do casal D. Rui de Cárdenas e D. Leonor, realizado por um bispo, representante de alto grau hierárquico dentro da instituição, poderia ser interpretado pela riqueza do casal, dado que esta foi ressaltada em inúmeros momentos da narrativa, o que poderia agradar a burguesia leitora do jornal *Cidade da Viçosa*. Eça de Queiroz finaliza seu conto com um viés romântico entre o casal de beatos, como pode ser verificado através do trecho abaixo:

Ante esse altar, e de joelhos nessas lajes, foram eles casados pelo bispo de Segóvia, D. Martinho, no Outono do ano da Graça de 1475, sendo já reis de Castela Isabel e Fernando, muito fortes e muito católicos, por quem Deus operou grandes feitos sobre a terra e sobre o mar (*O Defunto*. Jornal *Cidade da Viçosa*. Domingo, 30 de abril de 1905. Edição 589. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

Por conseguinte, sob a chefia de Arthur Bernardes no jornal *Cidade da Viçosa*, podemos pensar que a escolha de publicar os folhetins do autor Eça de Queiroz deve-se à ligação do redator com as críticas da monarquia, como sistema de governo, tendo a intenção de legitimar a República recentemente implantada.

Para, além disso, a narrativa fantástica de Eça de Queiroz aborda os temas da fé que eram cotidianos na Idade Média, contendo algumas críticas nos valores morais da sociedade portuguesa do século XIX. Entretanto, tais críticas se tornam sucintas por serem fantásticas, ou seja, distante de comprovação empírica da realidade vivida pelos personagens ao longo da narrativa.

Ademais, é visível a tentativa de reformular republicanamente o espaço literário e político do semanário para impulsionar as suas vendas, pois os folhetins eram publicados a cada edição. E, assim, ocorrer uma maior circulação dos ideais políticos republicanos compartilhados pelos dirigentes do jornal.

## Considerações finais

A partir da análise do conto: *O Defunto*, do autor português, José Maria Eça de Queiroz, publicado em folhetins, no jornal *Cidade da Viçosa*, podemos refletir três pontos importantes.

O primeiro deles gira em torno da necessidade de reformulação dos espaços literários do semanário viçosense, devido à nova chefia que se instalava na direção do jornal. Desde a fundação do *Cidade da Viçosa*, a literatura se faz presente nas páginas do semanário, através de trechos de pequenos poemas, textos de humor, citação de obras literárias estrangeiras e outros. Sendo assim, a estreia da nova chefia do semanário viçosense, dirigida por um jovem bacharel em direito, seria o momento perfeito para reformulação da agenda cultural do jornal com a presença marcante/moderna dos folhetins.

O segundo ponto está relacionado à fidelidade e à atratividade de novos leitores para o semanário. Acreditamos que a publicação do conto em folhetins facilitou a permanência dos leitores, devido à fragmentação dos textos ao longo das edições. Além disso, a presença de uma narrativa fantástica no período religioso medieval proporcionou certa modernização nos espaços literários do jornal, uma vez que o texto trazia valores muito atuais da sociedade, como a desigualdade social e as duras punições sofridas pelos mais pobres, além dos conflitos familiares existentes nas famílias abastadas. Não poderemos perder de vista que o *Cidade da Viçosa* era um jornal dirigido por elites locais. Dessa forma, trazer tais questões nos sugere que há uma intencionalidade crítica de alguns grupos dominantes locais ao modelo social vivido no Brasil até aquele momento.

Tudo isso nos permite, em um terceiro ponto, destacar os aspectos políticos defendidos pela direção do jornal. A todo o momento eram divulgadas diversas notícias dos conflitos políticos entre os grupos locais. Tais conflitos foram tão intensos que se tornaram em disputas acirradas no processo eleitoral entre os chefes locais, onde Bernardes procurava ser o maior líder. Como discutimos, o semanário se posicionava como republicano e defensor de todos os valores compartilhados pela República que se instaurava no Brasil.

O conto de Eça de Queiroz pode ser, portanto, interpretado como uma manobra política dos dirigentes do jornal, ocasionada pela trajetória literária de Eça de Queiroz, no que diz respeito às críticas que o mesmo fazia ao monarca D. Pedro II. A todo tempo, o jornal procura combater os grupos conservadores/restauradores da monarquia que ainda persistiam no município de Viçosa. Portanto, apesar da existência de críticas à religiosidade católica no conto queiroziano, a publicação do mesmo em um jornal conservador é perfeitamente compreensível, por causa da narrativa fantástica maravilhosa, que não deve ser entendida de forma racional no que toca aos valores cristãos.

## Referências

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latino-americana **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Maracaibo, Venezuela, v. 8, n. 20, p. 105-115, enero-marzo, 2003. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/2632>. Acesso em: 29 de out. 2020.

CASTRO, Andréia Trench. **O romance folhetim de Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAVALCANTI, Paulo. **Eça de Queiroz agitador no Brasil**. Recife: Editora CEPE, 2009.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

FARO, Arnaldo. **Eça e o Brasil**. São Paulo: Companhia da Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigação sobre uma categoria de sociedade burguesa**. Tradução de Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

LIMA, Alberto de Souza. **Arthur Bernardes perante a história**. Belo Horizonte: I Oficial, 1983.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PICCATO, Pablo. A esfera pública na América Latina: um mapa da historiografia. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 1, jan.-jun, 2014. Disponível em: <http://ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/308>. Acesso em: 29 out. 2020.

RAMOS, Julio. **Desencuentros de la modernidad en América Latina: Literatura y política en el siglo XIX**. Caracas: Fundación Editorial El Perro y Larana, 2009.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1979.

REIS, Jaime. O atraso económico português em perspectiva histórica (1860-1913). **Análise Social**, Lisboa, v. 20, n. 80, jan., 1984, p. 7-28. Disponível em: [http://analisesocial.ics.ul.pt/?page\\_id=12](http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=12). Acesso em: 29 out. 2020.

SANTOS, Alisson Ribeiros dos. SIQUEIRA, Ana Márcia Alves. O fantástico- maravilhoso em o defunto, de Eça de Queirós. **Revista de Encontros Universitários da UFC**. v.2.n. 1. Ceará. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/27094>. Acesso em: 29 out. 2020.

SANTOS, Nílvio Ourives. Eça de Queirós: Realidade e realismo português. **Akrópolis – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Umuarama, UNIPAR. v.11, n.1, jan./mar., 2003. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/326>. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVA, Isabel Lima Rodrigues da. Fantástico maravilhoso: fê, proteção e redenção no conto “O Defunto”. In: Encontro cearense de história da educação (ECHE), **Anais [...]** Fortaleza: Impreco, 2012.

SIMÕES, João Gaspar. **Eça de Queirós a obra e o homem**. 4ª Edição, Lisboa, 1981.

SANTOS, Nílvio Ouvires dos. Eça de Queirós: a realidade do realismo português. **Akrópolis: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v.11, no .1, jan./mar., 2003. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/326>. Acesso em: 29 out. 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia. Perspectivas Luso-Brasileiras**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SPLENDOR, Liliane Andréia; DIAS, Reginaldo Benedito. O catolicismo dentro do contexto político, social e intelectual do Brasil Republicano: o período da República da Espada, p. 1696-1706. In: IX Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. **Anais [...]** São Paulo: Blucher Social Sciences Proceedings. 2016.

TINKS, Eloi Andre. A crítica de Eça de Queirós ao clero e à sociedade lisboeta oitocentista. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, vol. 08, n. 02, jul/dez 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/32054>. Acesso em: 29 out. 2020

VARIANI, Fernando Vidal. **Álvaro de Carvalho e Eça de Queirós: amor interdito e atmosfera gótica**. (Monografia), Paraná, 2013.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Federalismo e cidadania na imprensa republicana (1870-1889). **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Niterói. n. 32, v. 18, p. 137-161, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042012000100007&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042012000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 31 out. 2020.

Recebido em 16/05/20 aceito para publicação em 06/11/20.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.